

Tecnologia digital está a matar o social e a magia da fotografia

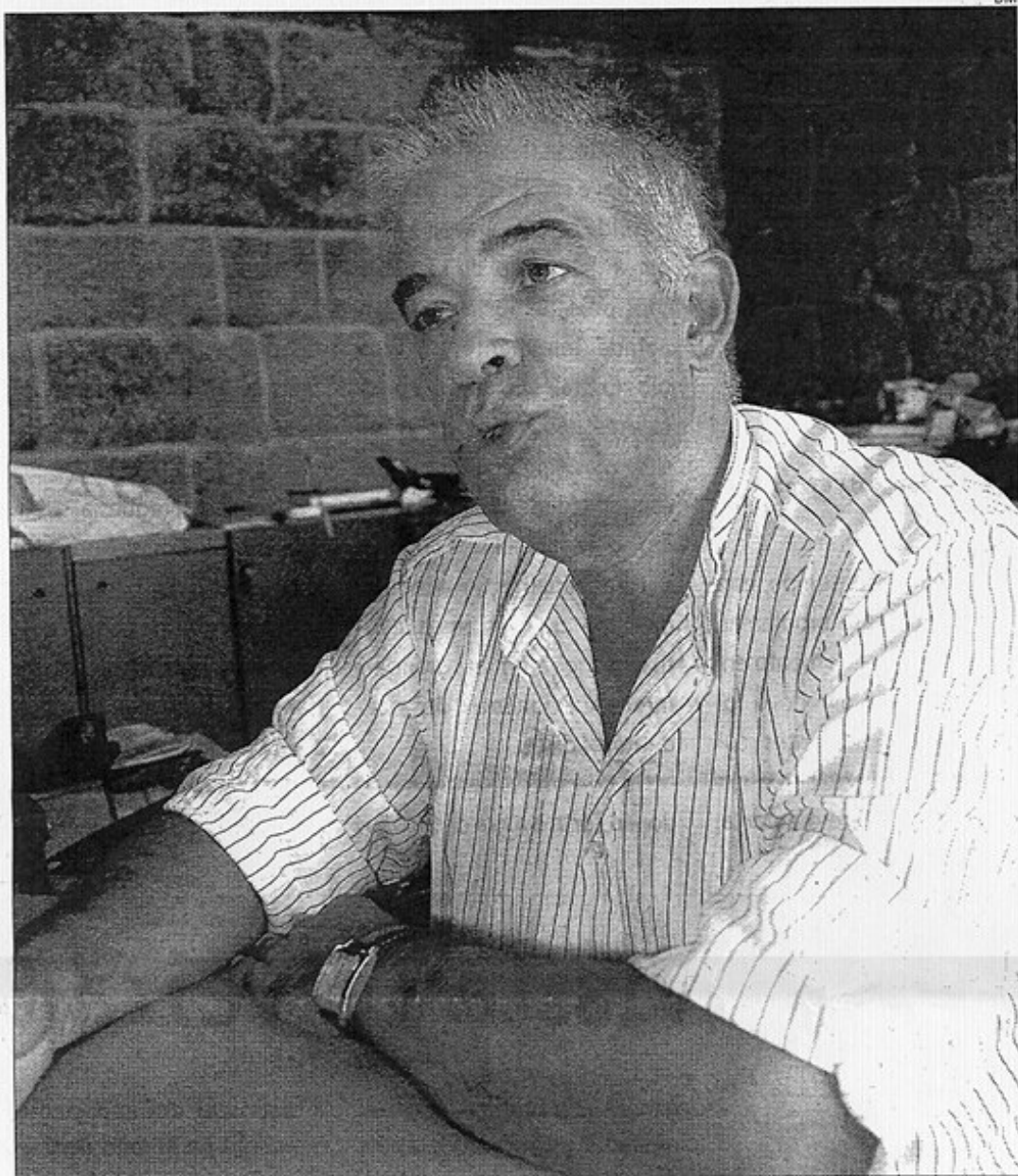
de José Carlos Ferreira

O director do Museu da Imagem, em Braga, concorda com a ideia que a tecnologia digital tem vindo a matar a magia da fotografia e até a sua componente social. Com as máquinas digitais, a surpresa da revelação do rolo deixou de existir e, hoje, está-se a perder o hábito de se fazer um álbum, que tanto podia ser da família, como das férias. Hoje, com as máquinas digitais, as fotografias são simplesmente descarregadas no computador e, as que estão menos bem, são apagadas na hora.

Rui Prata lembra que, num passado não muito longínquo, quase todas as pessoas tinham um álbum de família, que se constituem hoje como fontes de informação de grande importância. «No nosso nascimento, os nossos pais levavam-nos ao fotógrafo para sermos fotografados. Se tinham uma máquina, num passeio de fim-de-semana ao campo ou à praia eram sempre feitas fotografias. Essas fotografias eram reveladas e, na pior das hipóteses, estariam numa caixa, na melhor das hipóteses, iam construindo uma narrativa, que era a própria narrativa da família», afirma.

Não sendo fotografias com finalidade artística, a verdade é que estes álbuns, que se estão agora a deixar de constituir, «são fontes de documentação histórica e sociológica de grande valor». «A fotografia, que era feita sem uma intencionalidade de registo documental, acabou por adquirir esse valor e essa importância», acrescenta.

Rui Prata salienta, a título de exemplo, que o Museu da



Rui Prata realça a importância de fazer as fotografias em suporte físico

Imagem possui cerca de 300 mil negativos, dos quais uma boa parte são da antiga Fotografia Aliança, que não tinha a finalidade de produzir materiais artísticos. Contudo, os seus trabalhos, encomendados tanto por particulares como por instituições, possuem hoje um valor documental e histórico, que é essencial. «O próprio Manuel Carneiro, da Casa Carneiro, que fez fotografias para realizar postais ilustrados de Braga, não tinha a intencionalidade de

estar a produzir objectos artísticos. Contudo as suas imagens têm um valor hoje histórico. Hoje, nós podemos ver e mostrar como era, por exemplo, o Passeio Público em Braga», acrescentou.

É precisamente este aspecto, do valor documental da fotografia que, na opinião do director do Museu da Imagem, se está a perder. «Está-se a perder porque, eu diria que, 99 por cento das imagens ficam no computador. Depois, há um disco que se estraga

sem ter sido feito um "backup", e lá se vão as fotografias. É importante que as pessoas façam digital, porque é fácil, é democrático. Agora, também é importante materializar as imagens, pelo menos ter o trabalho de as seleccionar. No século XIX, as pessoas passavam serões a ver álbuns de fotografia. Era uma forma de alguém, que tinha feito uma viagem, partilhar algumas dessas imagens com os familiares. Hoje, vamos vendo essas coisas, mostrando o te-

lemóvel ao amigo, ou o iPad. Mas, é fundamental também não esquecer a importância de tornar essas imagens em suporte físico, para que elas tenham uma longevidade e constituam um documento de registo de memória de cada momento», sustentou.

Para onde caminha a fotografia?

Quando se pergunta para onde caminha a fotografia, ou seja, qual é o futuro da fotografia, Rui Prata começa por lembrar que esta mesma fotografia é um território extremamente vasto e complexo, lembrando também a sua história.

Segundo explicou, nos primeiros momentos da fotografia, em 1839, fazer uma imagem, ou seja, a captação do real, exigia um conhecimento tecnológico, do domínio da luz, do tempo de exposição, e um conhecimento químico, para a sua revelação.

Na sua evolução, o primeiro grande passo no sentido de conquistar o mercado amador acontece no final do século XIX, com a fundação da empresa Kodak, por George Eastman. A empresa começa a criar máquinas fotográficas, com o slogan "carregue no botão, nós fazemos o resto". «Esse é o primeiro passo na democratização da fotografia», disse Rui Prata.

O segundo passo tem lugar nos anos 40 do século passado, com a instantaneidade da fotografia, nomeadamente, com o aparecimento da polaróide.

No entanto, é com o surgimento da fotografia digital que se rompem todas as fronteiras tecnológicas. «Nós hoje fazemos uma fotografia

mais facilmente do que algumas pessoas a escreverem o seu nome. Até um analfabeto faz hoje uma fotografia. É só carregar mesmo no botão, e depois descarregar no computador, ou ver no visor do telemóvel», disse.

Assim, pode dizer-se que a fotografia digital mudou paradigmas no mundo da fotografia, minimizando custos, reduzindo etapas, acelerando processos e facilitando a produção, manipulação, armazenamento e transmissão de imagens.

Contudo, Rui Prata volta a sublinhar que a fotografia é hoje um território vasto e complexo, que vai muito mais além do que este sector mais comercial.

Segundo salienta, temos um território científico, onde encontramos fotógrafos especializados em fotografar, por exemplo, cenas de crime, astros ou ainda a vida animal, onde são necessárias várias habilidades específicas, e onde o lado estético não é tão valorizado.

Por outro lado, acrescenta, temos também o fotojornalismo; a fotografia documental, mais de investigação, que está actualmente em foco na edição deste ano dos Encontros da Imagem; e temos uma fotografia dedicada ao mercado da arte que, nos últimos anos tem vindo a subir e a conhecer um incremento.

No que diz respeito ao mercado comercial, propriamente dito, ou seja, «as casas que acolham o trabalho daquela pessoa que não tinha condições em casa para revelar e ampliar as suas imagens, naturalmente que esse mercado desapareceu». «Ou se converteram alinharam pelas novas tecnologias», ou «então tiveram dificuldades», afirma Rui Prata.

“ É importante que as pessoas façam digital, porque é fácil, é democrático. Agora, também é importante materializar as imagens ”